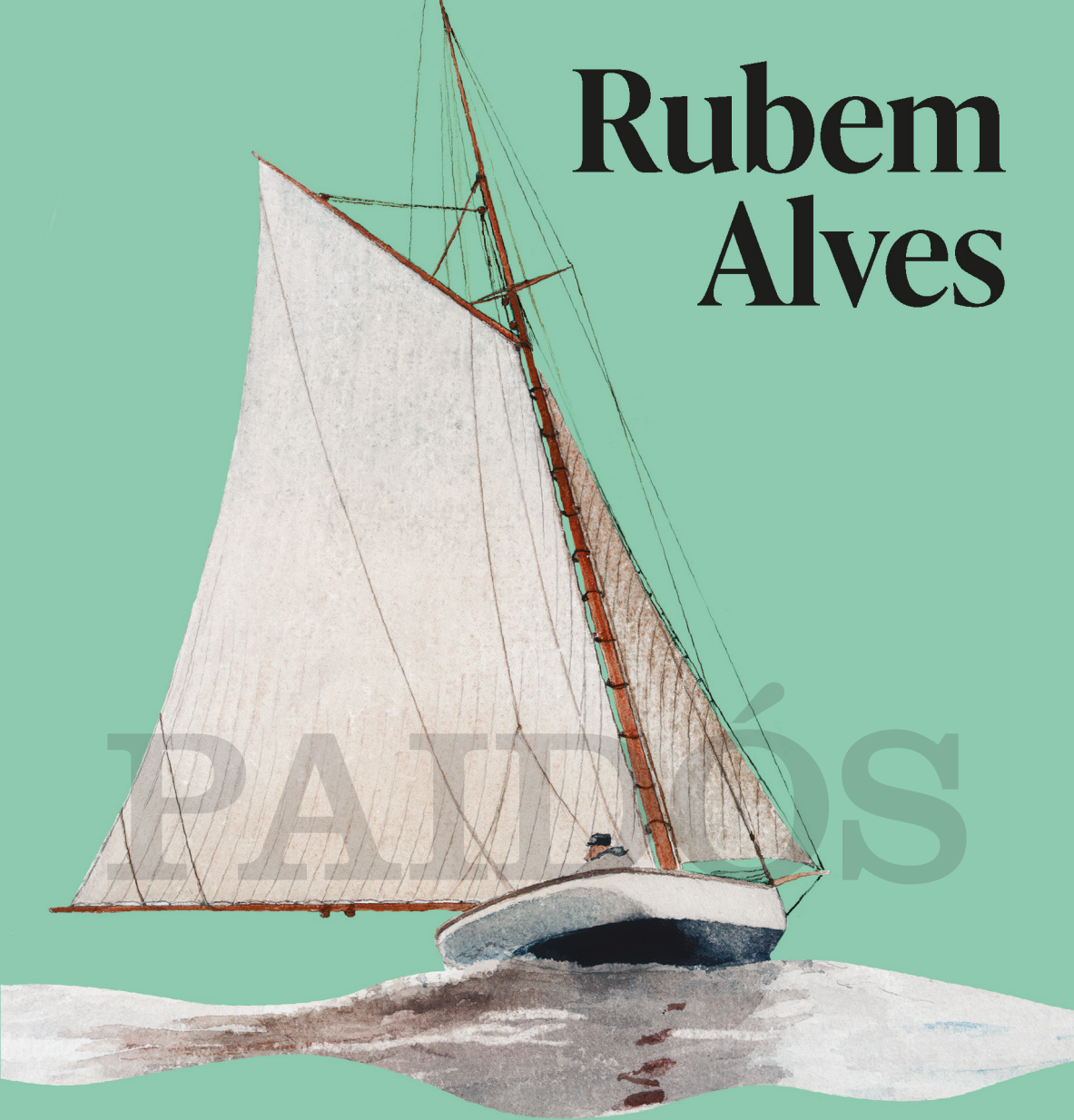




Rubem Alves

SE EU PUDESSE VIVER MINHA VIDA NOVAMENTE

PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Rubem Alves

SE EU PUDESSE VIVER MINHA VIDA NOVAMENTE

3ª edição

PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Rubem Alves, 2004
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2004, 2016, 2025

Todos os direitos reservados.

Revisão: Tulio Kawata e Wélida Muniz
Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Filipa Damião Pinto (@filipa_) | Estúdio Foresti Design
Ilustração de capa: Winslow Homer. Sailing off Gloucester (ca.1880). Yale University Art Gallery /Rawpixel
Ilustrações de miolo: Elivelton Reichert

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Alves, Rubem, 1933-2014.

Se eu pudesse viver minha vida novamente / Rubem Alves. – 3. ed. - São Paulo :
Planeta do Brasil, 2025.
176 p

ISBN 978-85-422-3197-7

1. Escritores brasileiros – Biografia 2. Alves, Rubem, 1933-2014 - Biografia I. Título

25-0495

CDD 928.698

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritores brasileiros – Biografia



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo-SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

PARTE 1

Se eu pudesse...

Sobre nostalgia, sonhos, perdas e ganhos

Se eu pudesse viver minha vida novamente... 15

A beleza dos pássaros em voo... 19

Voltando a ser criança 31

Uma criança chora 37

Conversas ao redor do fogão 43

Para quem será? 51

Todo o poder à criança 57

Você 61

Antes que se rompa o fio 67

Testamento 73

O telefone celular 77

Trem	85
Brincando com o desconhecido	89
Memórias da infância	93

PARTE 2

...viver minha vida novamente

Sobre os pequenos detalhes que fazem toda a diferença

Tristeza	103
Por que alguns sofrem, e outros, não?	109
Por que não me mudo para a Bahia?	113
A bifurcação terrível	119
Paixão e literatura	123
Aconselho-o a se conformar	127
As laranjas	131
O pequeno barco de velas brancas	137
Sobre vacas e sabonetes	141
O jogo “peteca-lembrança”	147
Viver sem medo	151
O presépio	157
A terceira margem do rio	163
“Que seria de nós sem o socorro do que não existe?”	169

Parte 1

SE EU PUDESSE...

PAIDÓS

PAIDÓS

*Sobre nostalgia, sonhos,
perdas e ganhos*

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SE EU PUDESSE VIVER MINHA VIDA NOVAMENTE...

Quando o li pela primeira vez, fiquei comovido. Era uma mistura de sabedoria e tristeza. Seu título era “Instantes” e começava assim:

Se eu pudesse viver novamente a minha vida,
na próxima trataria de cometer mais erros [...].

Correria mais riscos,
viajaria mais, contemplaria mais entardeceres,

E ia assim, parágrafo após parágrafo, listando coisas que haviam sido feitas e que não deveriam ter sido feitas, e coisas que não haviam sido feitas e que deveriam ter sido feitas. Até o final melancólico:

Mas, já viram, tenho 85 anos
e sei que estou morrendo.

O texto era uma advertência aos mais moços: só temos o momento. Não percam o agora.

Estou a ponto de “desfazer” 70 anos, muito embora os distraídos insistam em usar o verbo fazer. O fato é que a celebração de mais um ano de vida é a celebração de um desfazer, um tempo que deixou de ser, não mais existe. Fósforo que foi riscado. Nunca mais acenderá. Daí a profunda sabedoria do ritual de soprar as velas em festas de aniversário. Se uma vela acesa é símbolo de vida, uma vez apagada ela se torna símbolo de morte. O que não entendo é a razão pela qual os participantes, diante das velas apagadas, se ponham a bater palmas e a rir, quando o certo seria que chorassem. Eu prefiro um ritual mais alegre: acender uma vela bem grande, como um bruxedo de invocação dos anos ainda não nascidos cujo número não sei!

Os números redondos, creio que por razões estéticas, são mais poderosos que os números quebrados. Ninguém acharia nada de extraordinário com o número 7073565 da sua carteira de identidade. Mas, se o número for 5000000, isso será razão para as mais fantásticas conjecturas. Assim, ao ensejo do número redondo 70, pensei em fazer um documento parecido com o “Instantes”, confessando erros e dando conselhos aos mais jovens. Mas desisti. E isso porque, “se eu pudesse viver minha vida novamente”, eu quereria vivê-la do jeito mesmo como a vivi, com seus desenganos, fracassos e equívocos. Doidice? Imaginem que eu estivesse infeliz. Eu teria então todas as razões para voltar atrás e tentar consertar os lugares onde errei. Mas eu não estou infeliz. Vivo um crepúsculo bonito, com a suíte nº 1 de Bach para violoncelo. Se houve sofrimentos no caminho, imagino que se não os tivesse tido, talvez a suíte nº 1 de Bach não estivesse sendo ouvida. Estou onde estou pelos caminhos e descaminhos que percorri.

Faz muitos anos, nos tempos em que eu era ainda professor da Unicamp, um aluno que eu não conhecia telefonou-me dizendo que precisava falar comigo. Marcamos um encontro na

minha casa. Ele chegou, abriu um caderno e começou a fazer-me perguntas. A primeira, que abortou todas as outras, foi a seguinte: “Como é que o senhor planejou a sua vida para que chegasse aonde chegou?” Percebi logo. Ele me admirava. Queria ser como eu. Queria que eu lhe contasse o segredo. Que lhe revelasse o caminho. Mas minha resposta pôs a perder as suas expectativas. Foi isso que eu lhe disse: “Eu estou onde estou porque todos os meus planos deram errado”.

Isso é absolutamente verdadeiro. As pontes que construía para chegar aonde eu queria ruíam uma após a outra. Eu era, então, obrigado a procurar caminhos não pensados. E aconteceu, por vezes, que nem mesmo segui, por vontade própria, os caminhos alternativos à minha frente. Escorreguei. A vida me empurrou. Fui literalmente obrigado a fazer o que não queria.

Por exemplo: meu pai, homem muito rico, foi à falência. Ficou pobre. Teve de mudar de cidade para começar vida nova. Se isso não tivesse acontecido, é provável que hoje eu fosse um rico fazendeiro guiando uma F 1000 e contabilizando cabeças de gado.

Quando me mudei para o Rio de Janeiro, aos 12 anos, menino do interior de Minas com um sotaque caipira, fui objeto de zombarias e chacotas. Nunca me senti tão sozinho. Nunca fui convidado a ir à casa de um colega e nunca tive coragem para convidar um colega para ir à minha casa. Sofri a dor da solidão e da rejeição. Mas foi esse espaço de solidão na minha alma que me fez pensar coisas que de outra forma eu não teria pensado.

Lutei muito para ser pianista. Trabalhei duro, horas e horas por dia. Se tivesse dado certo, eu seria hoje um pianista medíocre. Pianista bom não precisa fazer força. É dom de Deus, como é o caso do Nelson Freire. A diferença entre nós é que enquanto eu tentava colocar dentro de mim um piano que estava fora, o problema do Nelson era colocar para fora um piano que morava

dentro dele desde o nascimento. Para mim, o piano nunca passaria de uma prótese. Mas, para o Nelson, o piano é uma expansão do seu corpo. Foi preciso que eu fracassasse como pianista para que o escritor que morava dentro de mim aparecesse. Assim, comecei a fazer música com palavras, acho que com a mesma facilidade com que o Nelson toca piano.

Fui pastor protestante, e é provável que se tudo tivesse acontecido nos conformes, eu hoje fosse um clérigo velho. Mas veio o golpe militar, fui acusado de subversivo pelas zelosas e bondosas autoridades da Igreja... Tive de me mudar para os Estados Unidos com a minha família – o que foi ótimo para todos nós. Fiz meu doutoramento, fiz amigos novos, viajei, conheci lugares, acampeei, tive tempo para ler e pensar.

Cheguei onde estou por caminhos que não planejei. É um lugar feliz com o qual nunca sonhei. Nunca me passou pela ideia que eu viria a ser escritor. E, em especial, que escreveria histórias para crianças – e que as crianças as amariam (e me amariam por causa delas...). Tanto assim que não me preparei para o ofício. Sou ruim em gramática, erro a acentuação. E há mesmo uma pessoa que se dedicava a escrever-me longas cartas para corrigir meu português. Parou de escrever. Acho que desistiu. Como é bem sabido, eu sou mau aluno, especialmente quando o professor quer ensinar-me coisas que não quero aprender. Pena que o dito professor, voluntário, nunca tivesse feito comentário algum sobre o que eu escrevia. Concordo mesmo é com o Patativa do Assaré: “É melhor escrever errado a coisa certa do que escrever certo a coisa errada...”.

Plantei árvores, tive filhos, escrevi livros, tenho muitos amigos e, sobretudo, gosto de brincar. Que mais posso desejar? Se eu pudesse viver minha vida novamente, eu a viveria como a vivi, porque estou feliz onde estou.